

# Urdimento

Revista de Estudos em Artes Cênicas

E-ISSN: 2358.6958


Curadoria das Artes Cênicas:  
Gestão para a criação de relações, reflexões e experiências

Anna Helena da Costa Polistchuk

Karina Campos de Almeida

## Para citar este artigo:

POLISTCHUK, Anna Helena da Costa; ALMEIDA, Karina Campos de. Curadoria das Artes Cênicas: Gestão para a criação de relações, reflexões e experiências. **Urdimento**, Florianópolis, v. 1, n. 40, mar./abr. 2021.

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1414573101402021e0117>

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate

## Curadoria das Artes Cênicas: Gestão para a criação de relações, reflexões e experiências

Anna Helena da Costa Polistchuk <sup>1</sup>

Karina Campos de Almeida <sup>2</sup>

### Resumo

Este trabalho tem por objetivo propor uma reflexão sobre a curadoria nas artes cênicas e o papel da/do curadora/curador na sua prática profissional na contemporaneidade, considerando ações artísticas no contexto brasileiro. Apresenta-se um percurso histórico, percorrendo uma trajetória no contexto das artes modernas, quando a profissão se estabelece com as características atuais. Em seguida, elaboram-se perspectivas críticas sobre a função da curadora ou do curador, analisando as atribuições necessárias para a criação de uma programação em artes cênicas. Por fim, discorre-se sobre a curadora ou o curador como um/uma gestor/gestora de expectativas, responsável por propor debates sobre a sociedade e a própria arte, a partir da relação que se estabelece entre artista, obra e público dentro de uma programação de artes cênicas.

**Palavras-chave:** Curadoria. Programação. Artes Cênicas. Artista. Público.

---


<sup>1</sup> Produtora cultura e curadora de artes cênicas do SESI-SP. Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Artes da Cena da Escola Superior de Artes Célia Helena. Pós-graduada em Gestão de Eventos na Universidade Anhembi-Morumbi. Graduada em Licenciatura em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Minas Gerais. [annahelenac@gmail.com](mailto:annahelenac@gmail.com)

 <http://lattes.cnpq.br/1134511010397521>

 <https://orcid.org/0000-0001-8168-0383>

<sup>2</sup> Artista da dança. Pós-doutoranda na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Mestre e Doutora em Artes da Cena pela Unicamp. Coordenadora da pós-graduação em Corpo e professora na Escola Superior de Artes Célia Helena. [karina.almeida@celiahelena.com.br](mailto:karina.almeida@celiahelena.com.br)

 <http://lattes.cnpq.br/5862592396771680>

 <https://orcid.org/0000-0002-5719-8703>

## Curating Performing Arts: Management to create relationships, reflections, and experiences

### Abstract

This work aims to propose a reflection on curation in the performing arts and the role of the curator in his/her professional practice in contemporary times, considering artistic actions in the Brazilian context. A historical path is presented, covering a trajectory in the context of modern arts, when the profession is established with the current characteristics. Then, critical perspectives on the role of the curator are elaborated, analyzing the attributions necessary for the creation of a program in performing arts. Finally, the curator is conceived as a manager of expectations, being responsible for proposing debates about society and art itself, based on the relationship established between artist, work and public within a performing arts programming.

**Keywords:** Curatorship. Programming. Performing Arts. Artist. Audience.

## Curaduría en artes escénicas: Gestión para la creación de relaciones, reflexiones y experiencias

### Resumen

Este trabajo tiene como objetivo proponer una reflexión sobre la curaduría en las artes escénicas y el papel de la curadora/curador en su práctica profesional en la época contemporánea, considerando las acciones artísticas en el contexto brasileño. Se presenta un recorrido histórico, cubriendo una trayectoria en el contexto de las artes modernas, cuando la profesión se establece con las características actuales. Luego, se elaboran perspectivas críticas sobre el rol de la curadora o del curador, analizando las atribuciones necesarias para la creación de un programa en artes escénicas. Finalmente, se discute la curadora o el curador como gestora / gestor de expectativas, responsable por proponer debates sobre la sociedad y el arte, a partir de la relación que se establece entre artista, obra y público dentro de una programación de artes escénicas.

**Palabras clave:** Curaduría. Programación. Artes Escénicas. Artista. Público.

Esta é uma proposta de reflexão sobre o trabalho da curadoria e suas práticas dentro do universo das artes cênicas. Para tanto, apresentaremos um breve percurso histórico, iniciando esta cronologia na década de cinquenta do século passado, quando a profissão se afirmou no contexto artístico. Também faz parte deste estudo compreender a função da curadora ou do curador, seu papel enquanto promotora ou promotor de reflexões, diálogos, por meio da experiência estética, sendo sua função colocar artista, obra e público em relação, criando vínculos entre eles. Abordaremos o que chamamos de diplomacia da curadoria, situando nossa profissão como aquela que sabe lidar com variáveis que podem ou não estar sob nosso controle, tanto no que diz respeito às macro como às microcircunstâncias que tangem a nossa prática. Relacionaremos as várias camadas de entendimento necessárias para a criação de uma programação, seja ela dentro de um espaço teatral, em uma instituição cultural, em um festival, no ambiente virtual ou onde se desejar curar as artes da cena.

### Contextualização histórica

Para iniciar uma contextualização histórica, faz-se necessária a retomada desta personagem da curadora ou curador na história das artes modernas, quando esta deixa a função de cuidar de um acervo e se torna criadora ou criador de diálogos e discursos, que compõem a relação do público com a/o artista e a obra de arte. Na história da curadoria da cena, esta profissão transita desde a administradora ou o administrador de programação em uma casa de espetáculos, passando pela função de programadora ou programador e, por fim, com o surgimento dos primeiros festivais de teatro, se estabelece como curadora ou curador, responsável por pensar o conceito de uma programação, buscando a mediação com o público, trabalhando a noção de relação. Esta/e profissional tem como objetivo criar discursos nos diversos aspectos que envolvem a obra artística, passando por processos reflexivos para a tomada de decisão.

Uma bibliografia essencial para a/o estudante da curadoria é o livro *Uma*

*breve história da curadoria* (2010), de Hans Ulrich Obrist<sup>3</sup> que, em sua trajetória, se dedicou a realizar entrevistas com as principais curadoras e curadores da história das artes visuais modernas. Na tradução brasileira deste livro, nos chama a atenção a apresentação escrita por Nessia Leonzini<sup>4</sup>, que inicia a leitora ou o leitor ao universo da curadoria, apresentando seu conceito e histórico, sendo uma importante introdução para a contextualização desse campo de trabalho:

A palavra curador vem do latim *curare*, que por sua vez chega à nossa língua como *curar* – na acepção de “cuidar” ou “conservar”: tomar conta das obras de artes. Mas a profissão, tal como a conhecemos, é moderna, remontando ao século passado apenas. E a história da arte dos anos 1950 até o presente está intrinsecamente conectada às exposições que aconteceram no período (Leonzini, 2010, p.9).

Ainda dentro do contexto histórico, e em complementação à citação de Leonzini, destacamos aqui o artigo *O curador e a curadoria* (2013), uma parceria de Alena Rizi Marmo<sup>5</sup> e Nadja de Carvalho Lamas<sup>6</sup>, que também se dedicam a uma avaliação histórica do tema:

Nos anos 1960, com o advento da experimentação na arte, aliado à consolidação de espaços alternativos, começaram a surgir exposições temporárias que evidenciaram uma mudança na atuação do curador, que passou a sugerir temas e propor projetos aos artistas e se tornou independente de museus (Marmo; Lamas, 2013, p.1).

Fica claro, com estas passagens, que a figura da curadora ou do curador começa a se estabelecer, tal como a conhecemos hoje, quando a arte transita da

---

<sup>3</sup> Hans Ulrich Obrist é um curador de arte suíço, crítico e historiador da arte. É diretor artístico da Serpentine Galleries, em Londres. Obrist é o autor do *The Interview Project*, um extenso projeto em andamento de entrevistas. Ele também é coeditor da revista *Cahiers d'Art*.

<sup>4</sup> Nessia Leonzini é brasileira e Mestre em Ciências Sociais pela Universidade de Nova York, cidade onde vive e trabalha. É parte do conselho curatorial do *Global Latin America*, no *Museum of Arts and Design*, em Nova York, e curadora do website *artspace.com*.

<sup>5</sup> Alena Rizi Marmo é coordenadora do Curso de Bacharelado em Artes Visuais da Universidade da Região de Joinville, Diretora Cultural do Instituto Luiz Henrique Schwanke e membro do Conselho Consultivo do Museu de Arte de Joinville.

<sup>6</sup> Nadja de Carvalho Lamas é professora titular da Universidade da Região de Joinville, nos cursos de Artes Visuais, Publicidade e Propaganda. Professora no Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille. Pesquisadora na área de Artes, com ênfase em História, Teoria e Crítica da Arte.

forma para o conceito, passando a ocupar os espaços de exposição com possibilidades diversas, interessada em promover a experiência. As linguagens artísticas se fundem, a passividade do espectador perde o sentido, surge a necessidade de relação, seja ela física, cognitiva, sensorial ou emocional. Neste contexto, a curadora ou o curador se estabelece como facilitadora ou facilitador da relação entre artista, obra e público, tentando harmonizar as tensões e promover o diálogo. Ela/ele é a conciliadora ou conciliador de expectativas.

Nas artes da cena, esta personagem possui uma trajetória ainda mais recente. Se fizermos um paralelo com o surgimento desta/e profissional nas artes visuais, podemos dizer que a primeira figura que se preocupa com a criação de uma programação na história das artes cênicas é a administradora ou o administrador das salas de espetáculos, que tinha por objetivo ofertar uma programação que gerasse renda para garantir a sobrevivência do espaço teatral. Posteriormente esta figura passou a ser chamada de programadora ou programador, uma/um profissional que, apesar das necessidades de mercado, se preocupava com o conteúdo e/ou conceito, uma aproximação com o trabalho da curadoria atual. João Carlos Couto Magalhães, diretor executivo e curador do Festival de Artes Cênicas de São Paulo (FIAC) de 1995 a 1999, além de atual consultor para a programação internacional de teatro e dança do Teatro Alfa (São Paulo), em entrevista a Michele Rolim<sup>7</sup> (2017), nos fala especificamente desta transição na cidade de São Paulo, afirmando que o surgimento de mais teatros na cidade e de outros tipos de financiamentos além da bilheteria, foi um dos aspectos que proporcionaram a transformação desta função de administrador para programador e, posteriormente, para curadora ou curador (Magalhães, 2017, p.33). Mas a ideia de curadora ou curador no Brasil, de fato, começa a tomar forma com o advento dos primeiros festivais de teatro, na década de 1950.

Os eventos precursores desse movimento foram o Festival de Teatro Estudantil de Recife, organizado em 1958 por Paschoal Carlos Magno<sup>8</sup>, com o

---

<sup>7</sup> Michele Rolim é jornalista, pesquisadora e crítica teatral, doutoranda em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRGS, autora do livro *O que pensam os curadores de artes cênicas* (2017).

<sup>8</sup> Paschoal Carlos Magno (Rio de Janeiro, RJ, 1906 – Rio de Janeiro, RJ, 1980). Animador, produtor, crítico, autor

intuito de aproximar a produção teatral nacional e, posteriormente, o FIAC – Festival Internacional de Artes Cênicas, que teve sua primeira edição em 1974, organizado em São Paulo por Ruth Escobar<sup>9</sup>. Naqueles tempos, a curadoria de um festival teria por objetivo trazer aos olhos do público a vanguarda da produção mundial. Esses eventos eram os únicos meios pelos quais a espectadora ou o espectador poderia entrar em contato com o trabalho de artistas como Jerzy Grotowski e Bob Wilson; neste sentido, Magno e Escobar são pioneiros.

Na década de 1990 inicia-se a ideia de dar temas para os festivais, criando assim um pensamento curatorial do ponto de vista conceitual. É nesta época também que o termo curadoria ganha espaço nas fichas técnicas destes eventos e começa a ser utilizado pelos festivais no decorrer da primeira década do século XXI.

### Funções da curadora e do curador

Localizado historicamente no contexto das artes modernas, o que seria então o nosso trabalho como curadoras ou curadores na criação artística contemporânea<sup>8</sup>? Ainda no livro *Uma breve história da curadoria* (2010), Leonzini nos fala sobre o trabalho da curadora ou do curador, determinando esta/e profissional como a/o artista que necessita de um olhar aprofundado sobre o mundo e sua realidade e, a partir desta observação crítica, propõe discursos que

---

e diretor. Fundou os teatros Estudante do Brasil e o Duse, além de ser idealizador do Festival de Teatro Estudantil em Recife (1958).

<sup>9</sup> Maria Ruth dos Santos Escobar (Porto, Portugal, 1936 - São Paulo, SP, 2017). Atriz e produtora cultural. Uma das notáveis personalidades do teatro brasileiro, empreendedora de muitos projetos culturais especialmente comprometidos com a vanguarda artística. Foi idealizadora do FIAC – Festival internacional de Artes Cênicas de São Paulo.

<sup>8</sup> Em nossos estudos, compreendemos o termo contemporâneo a partir das proposições lançadas por Agamben, em *O que é contemporâneo? E outros ensaios* (2009). Para o filósofo, o “[...] o contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz; é também aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história de ‘citá-la’ segundo uma necessidade que não provém de maneira nenhuma do seu arbitrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder. É como se aquela invisível luz, que é o escuro do presente, projetasse a sua sombra sobre o passado, e este, tocado por esse facho de sombra, adquirisse a capacidade de responder às trevas do agora” (Agamben, 2009, p.72). Nesse sentido, entendemos que a curadora ou curador contemporâneo é aquela/e que transforma o tempo presente através de ações artísticas que, por reconhecerem as dificuldades, carências e problemas do tempo atual, criam um compromisso de justamente responder à essas particularidades do presente, promovendo um espaço de relações, experiência, afeto e pensamento crítico.

considera relevantes para a reflexão e debate em sociedade:

O que faz um curador, então? O que mais fazem é olhar a arte e pensar sobre sua relação com o mundo. Um curador tenta identificar as vertentes e comportamentos do presente para enriquecer a compreensão da experiência artística. Ele agrupa a informação e cria conexões. Um curador tenta passar ao público o sentimento de descoberta provocado pelo encontro face a face com a obra de arte (Leonzini, 2010, p.10).

De volta às artes da cena, e referente ao contexto da curadoria no Brasil, destacamos o trabalho de Michelle Rolim, que, em seu livro *O que pensam os curadores de artes cênicas* (2017), dá voz às principais curadoras e curadores de festivais do país, traçando paralelos e apresentando práticas que tangem o escopo de trabalho.

Em entrevista a Rolim, Tânia Brandão, curadora do Festival de Teatro de Curitiba de 2005 a 2015, faz uma declaração importante sobre as características deste profissional:

O curador é antes de tudo um espectador atento, um espectador curioso e cuidadoso. Ele é um curador que se preocupa em dimensionar a trajetória de produção de um determinado recorte temporal [...]. A sua referência é essa relação entre a obra e o momento em que ela é apresentada, é imediata (Brandão, 2017, p.96).

A fala de Brandão reafirma a necessidade de a curadora e o curador se colocarem como observadores atentos da realidade nas diversas camadas de entendimento. Torna-se sua função desenvolver o olhar aprofundado sobre a produção teatral do momento, entender as necessidades das/os artistas no campo estético, conceitual e, ainda, os seus modos de produção, que impactam diretamente na construção da obra artística. Por outro lado, faz parte do seu trabalho o entendimento do público, interagindo com suas referências, desejos e necessidades. Munida destas informações, a curadora ou o curador propõe uma programação que atenda às demandas sociais e estéticas de todas as envolvidas e envolvidos, colocando seus agentes em relação, em um trabalho de equilibrar as tensões que perpassam os espaços e tempos que pulsam dentro da sociedade.



Felipe Assis, produtor geral do Festival Internacional de Artes Cênicas da Bahia (FIAC BAHIA) localiza a curadora ou o curador como mediadores das relações entre artista, obra e público. Para ele, o trabalho é oferecer espaços de troca, criando pontes e sentidos para promover o debate a partir da experiência estética e artística. Em entrevista a Rolim, Felipe completa este raciocínio sobre a função da curadora ou do curador:

Eu acho que, por excelência, unir artistas, obra, curador e público é uma forma de pensar este lugar da exposição com esses diversos elementos, seria um lugar ideal onde todos esses agentes convergem para um encontro e podem dar as traduções sobre tudo aquilo que estão lendo, fazendo e performando. O que me interessa na curadoria é pensar sobretudo em ambientes que favoreçam esse diálogo, que eu chamo de tradução (Assis, 2017, p.116).

Dentro desta perspectiva, e ainda em relação à função que a curadora ou o curador ocupa no universo das artes cênicas, muito se discute sobre o paralelo entre o seu processo criativo e sua aproximação com o trabalho criativo das/os artistas. Quanto a isso, vale uma análise crítica. A/o artista, quando no lugar de criação de uma obra, desenvolve um discurso singular que é inerente à sua percepção do mundo, explorando sua necessidade de se colocar diante de um tema, situação ou sobre a própria arte. A curadora ou o curador, por outro lado, tem a função de engajar discursos plurais, que inclusive podem se distanciar das suas preferências pessoais, mas que são necessários para promover o debate. Sendo assim, se pensarmos do ponto de vista da criação de um conceito, e sobretudo por se tratar de um trabalho de reflexão estética sobre a realidade, podemos encontrar paralelos com o trabalho de criação artística. Porém, a curadoria é um lugar intermediário, em que se propõe a reflexão sobre o conceito e a construção de um discurso, mas este precisa ser criado em relação aos elementos envolvidos em uma programação. A visão individual e intimista neste caso não se aplica, pois o discurso da curadora ou do curador está relacionado com a observação do espaço e tempo de forma distanciada e tem por objetivo colocar em evidência as questões coletivas latentes, promovendo diversidade de discursos dentro de uma programação.

Somado ao trabalho de observação crítica da realidade, ainda podemos citar como atribuição atual da curadora ou do curador as questões relacionadas à técnica e à logística de uma programação. João Carlos Couto Magalhães, ainda no livro de Rolim (2017), apresenta a curadora ou o curador como aquela/e que se volta fundamentalmente para a conceitualização das ideias e reflexão crítica da realidade, porém sua decisão conceitual está intimamente vinculada às condições estabelecidas pelas questões técnicas e de logística, que impactam na sua decisão para a construção de uma programação. Ela ou ele se torna, então, uma gestora ou gestor multifacetado, que trabalha em frentes diversificadas.

A curadora ou o curador, na sua prática, também desempenha o papel de gestora ou gestor, pois opera variáveis que podem ou não estar sob o seu controle. Se, por um lado, ao planejar uma grade de programação, a curadora ou o curador elabora todas as questões relativas aos conceitos, discursos e reflexões, por outro, ela ou ele precisa considerar as questões logísticas e financeiras que influenciam as suas escolhas. E dentre estes aspectos podemos considerar variáveis como custos operacionais, capacidade técnica, deslocamento de equipes, materiais e equipamentos, agenda de artistas, entre diversas questões que envolvem a realização de uma programação. A curadora ou o curador, portanto, é um/a profissional que administra expectativas e frustrações, pessoais ou coletivas, sempre com o objetivo de cumprir sua função inicial de colocar artista, obra e público em relação e a partir disso promover discussões sobre a realidade e o fazer teatral.

### A relação com as/os artistas

Como apontamos acima, uma das principais funções da curadora ou do curador é criar relações, com o objetivo de promover encontros, discursos e reflexões. Dentro desse contexto de atuação, uma das primeiras relações que se estabelece é com a/o artista.

No livro de Rolim (2017), destacamos a fala de Marcelo Bones, diretor artístico do Festival Internacional de Teatro Palco & Rua de Belo Horizonte (FIT-BH) de 2004

a 2012, que coloca a curadora ou o curador como uma personagem viva e atuante dentro do contexto teatral. Ele afirma que esta/e profissional precisa acompanhar o trabalho da/o artista, dialogar com as criadoras e os criadores, entendendo o seu processo e a evolução de seus trabalhos. É um ser atuante na vida do cotidiano teatral (Bones, 2017, p.49).

Essa visão também é corroborada por Márcia Dias, diretora geral e curadora do Festival Internacional de Artes Cênicas do Rio de Janeiro (TEMPO-FESTIVAL), quando afirma que a curadoria visa acompanhar o tempo de criação das/os artistas e da construção da obra (Dias, 2017, p.40). Esse trabalho, de acompanhamento artístico, alimenta a curadora ou o curador esteticamente e a/o capacita para criar uma programação, pois ela ou ele se torna conhecedor/a da realidade dos processos criativos, da produção e dos discursos latentes da realidade. A fala de Bones abaixo resume a necessidade desta prática para o trabalho da curadora ou do curador:

Desta forma, nos afastamos daquela figura que simplesmente recebia vídeos dos grupos e armava a grade de programação, e redefinimos este papel como o de um agente da engenharia de reunir determinado espetáculos e construir um discurso (Bones, 2017, p. 49).

Em complementação à questão da relação com a/o artista, trazemos aqui Cecília Kuska, gerente de produção do Festival Internacional de Buenos Aires (FIBA), que em sua fala realizada dentro da *Kombi - Fragmentos de um Imaginário Tropical*, espaço de promoção de diálogo entre curadoras, curadores e artistas, na edição on-line do Festival FarOFFa<sup>10</sup> (2020), traz para a discussão a ideia de que o trabalho da curadora ou do curador tem por natureza aprofundar o diálogo com as/os artistas, pois estes necessitam de espaço para viabilizar a sua expressão, algo intrínseco à sua existência. Kuska ainda propõe um olhar para os modos de produção das artes cênicas, destacando a necessidade de sensibilização institucional, tanto na esfera pública como privada, para a criação de espaços de

---

<sup>10</sup> FarOFFa, criado em 2020, é um festival de artes cênicas que acontece em paralelo à Mostra Internacional de Teatro de São Paulo (MITsp). Surge como uma proposição que busca ampliar o acesso do público às produções artísticas e trazer visibilidade aos inúmeros coletivos do Brasil. Foram duas edições em 2020, sendo uma presencial, em março, e outra on-line, em agosto.

expressão livres e democráticos. Nesta perspectiva, Kuska amplia a ação da curadora ou do curador, pois a/o coloca no lugar de agente fomentadora ou fomentador de circulação de artistas, sendo, portanto, uma personagem importante para a garantia da inserção das/dos artistas dentro do contexto econômico do mercado cultural mundial. O seu processo decisório atinge diretamente a cadeia produtiva cultural e o processo circulação e distribuição de renda do setor artístico, trazendo para a sua prática uma responsabilidade não apenas estética e conceitual, mas também econômica e política dentro do seu espaço de atuação.

### A relação com público

Se desenvolver a relação com a/o artista é uma das funções aqui propostas para a curadora ou o curador, o que dizer da relação que se estabelece com o público?

João Carlos Couto Magalhães afirma que o trabalho da curadora ou do curador é estar sempre em diálogo com o público e com a cidade onde se está curando uma programação, entendendo suas carências e tentando supri-las (Cf. Rolim, 2017, p.35). Luiz Bertipaglia, um dos curadores do Festival Internacional de Londrina (FILO), complementa este raciocínio, quando fala que a curadora ou o curador precisa dialogar com seu público, buscando que este assista aos espetáculos, se relacione com a programação, com as/os artistas envolvidos e reflita sobre si e sobre a sociedade (Cf. Rolim, 2017, p.87).

A relação com o público é a variável menos controlável dentro do processo de construção de diálogos proposta pela curadora ou curador, pois, mesmo com o cuidado de promover aproximação com a sociedade e entender a sua complexidade, a experiência do indivíduo dentro de uma programação é sempre uma vivência pessoal. Desta forma, criar estas relações é sempre uma incógnita e um desafio.

Para diminuir a possibilidade de ruídos nesta aproximação, a mediação é uma

estratégia possível para promover a fruição dos discursos propostos. É comum, portanto, que ações formativas e de mediações artísticas acompanhem programações teatrais em festivais e instituições culturais. Elas são tentativas de ampliar o debate, aproximar pessoas, criar traduções, diminuindo distâncias e construindo pontes de reflexão.

Uma outra perspectiva da curadora ou do curador, quando se trata da relação com o público, é a questão de como tornar o teatro mais acessível e democrático. Neste sentido, algumas perguntas podem ser feitas: Para quem estamos fazendo teatro? Quem são essas pessoas que saem das suas casas para ir a um espetáculo?

Diante de tais questionamentos, e na tentativa de desenvolver uma reflexão sobre estes dilemas, gostaríamos de destacar a fala de Wolfgang Hoffman, ex-diretor do Dublin Fringe Festival, criador da *Aurora Nova Internacional Theatre Booking*<sup>11</sup> e especialista em agenciamento de artistas da cena contemporânea no mercado internacional, que também participou do debate promovido pelo festival FarOFFa em agosto de 2020. Hoffman se questiona sobre como tornar o trabalho artístico mais relevante para as e os espectadores. Ele diz que nos últimos anos a produção artística tem se distanciado do grande público, pois chegou em níveis de abstração que não instigam as/os espectadoras/es a embarcar nas experiências estéticas complexas, o que estaria gerando um esvaziamento das salas de espetáculo. Este pode ser um dos motivos que tenha levado à perceptível diminuição de público nos teatros nos últimos anos. Mas precisamos destacar que esta observação reflete uma realidade europeia, que abarca, mais especificamente, a produção teatral feita na Alemanha. Sabemos que no Brasil, vários são os fatores sociais, políticos, econômicos e estruturais que contribuem para este esvaziamento. Como afirmam Luiz Fernando Ramos<sup>12</sup> e Ferdinando Martins<sup>13</sup>, em entrevista concedida ao programa Diálogos na USP, em março de

---

<sup>11</sup> *Aurora Nova Internacional Theatre Booking* é uma agência de representação de artistas da cena contemporânea e consultoria com sede em Berlim. É especializada em trazer teatro físico, circo contemporâneo e novos formatos teatrais para festivais e espaços em todo o mundo. Também fornece soluções de programação personalizadas para profissionais de teatro.

<sup>12</sup> Luiz Fernando Ramos é professor do Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da USP, e crítico do jornal Folha de S. Paulo de 2008 a 2013.

<sup>13</sup> Ferdinando Martins, pesquisador e orientador do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Escola

2020:

O teatro no Brasil, assim como a cultura em geral, tem sofrido diversos ataques e tentativas de esvaziamento. Para muitos críticos, o teatro está muito afastado da população brasileira, seja pelo preço do ingresso, localidade das salas ou por já existirem outras formas de entretenimento. Os dados comprovam o distanciamento da população com relação ao teatro: segundo o IBGE, apenas 23,4% dos municípios brasileiros possuem teatros ou salas de espetáculo e os pontos de acesso que existem atingiram a marca de 3.422 espaços, muito pouco para um país com uma extensão territorial como o nosso (Ramos; Martins, 2020, n/p).

Ainda sobre a questão do alcance, destacamos o desafio da curadora ou do curador na busca por públicos diversos para a sua programação, evitando assim que a experiência estética promovida atenda sempre às mesmas pessoas, estas geralmente em situação de privilégio social. Se por um lado a curadora ou o curador está atento a sua espectadora ou a seu espectador recorrente ou fidelizado, por outro lado, é necessário à sua atuação promover o acesso à maior diversidade de público possível, descentralizando a produção e gerando novos diálogos.

Esta, por exemplo, é uma das preocupações da equipe de artes cênicas do SESI-SP, para a criação da programação do projeto Viagem Teatral<sup>14</sup>, que visa à circulação de espetáculos na linguagem das artes cênicas pelos seus teatros no interior do estado de São Paulo. É prática das equipes locais, onde acontecem as apresentações, manter permanente contato com instâncias da sua região, tanto no âmbito público como no privado, buscando atrair públicos diversos, sempre que possível contactando escolas, faculdades, instituições culturais, artistas, prefeituras, indústrias e o comércio local, ampliando assim o alcance e o diálogo. Resulta deste constante processo de comunicação subsídios para a elaboração de uma programação mais engajada por parte da curadoria.

---

de Comunicações e Artes da USP, ex-diretor do Teatro da USP (Tusp) e atualmente fazendo parte do júri do Prêmio Shell de Teatro.

<sup>14</sup> Viagem Teatral, projeto realizado há mais de 15 anos pelo SESI-SP, visa apresentar para o público do interior do estado de São Paulo um panorama da produção cênica contemporânea brasileira, através de uma circulação anual de espetáculos.

## As outras relações inerentes à função da curadora ou do curador

Como profissional que promove relações, não seria errado dizer que a curadora ou o curador, em sua prática, desenvolve habilidades diplomáticas. Além da função de colocar artistas, obra e público em relação, a curadora ou o curador atual lida com instâncias que podem ser consideradas alheias às preocupações estéticas e conceituais.

A curadora ou o curador, portanto, está atento às questões políticas que impactam o seu trabalho. Ela/e também observa as relações econômicas que envolvem o fazer teatral, sejam estas regionais ou globais. Estas são variáveis externas ao processo decisório desta/e profissional, mas que influenciam diretamente o exercício do seu trabalho e por isso estão sempre no seu radar.

Outras questões diplomáticas vinculadas ao trabalho da curadora ou do curador são as relações institucionais, tanto na ordem pública quanto na privada. Seja esta curadora ou curador um/a profissional vinculado ou vinculada a uma instituição, ou independente, ela/e precisa desenvolver relações saudáveis com essas instâncias para que seu trabalho curatorial possa se desenvolver a ponto de garantir a continuidade futura de programações e festivais.

A curadora ou o curador também tem por prática a troca com outras curadoras ou curadores. Um movimento que tem crescido na atualidade é a criação e difusão de redes, que possibilitam a aproximação e comunicação destas/es profissionais em escala mundial, permitindo o desenvolvimento de colaborações que viabilizam a difusão de informações. Tem sido comum a realização de encontros presenciais ou virtuais de programadoras/es ou curadoras/es em festivais de teatro pelo mundo, encontros que são formas de colocar estas/es profissionais em contato, promovendo a troca de ideias, dilemas e soluções, ou ainda criar parcerias financeiras e logísticas que promovam a circulação de espetáculos e artistas em escala mundial.

Por fim, a curadora ou o curador ainda é um/a diplomata dentro do seu ambiente interno de trabalho, se pensarmos em todas as estruturas humanas de

colaboradoras ou colaboradores, parceiras ou parceiros e fornecedoras ou fornecedores que raramente aparecem nas fichas técnicas das programações, mas que são fundamentais para a realização de todas as atividades propostas. Neste contexto, podemos listar profissionais ligadas e ligados aos setores de comunicação, jurídico, financeiro, logística, dentre várias funções que precisam ser valorizadas dentro do processo decisório e de execução.

### Curadoria da cena e as experiências virtuais no contexto pandêmico

Em 2020, com a crise sanitária causada pela Pandemia da Covid-19, em diversos aspectos da vida humana o contexto mundial se transformou. Diante disso, a produção artística mundial foi subitamente paralisada e as programações presenciais suspensas ou canceladas. Apagaram-se as luzes, baixaram-se as cortinas e as portas de todos os espaços cênicos foram fechadas. As ruas ficaram vazias, e, ao público, o espaço de fruição estética foi cerrado.

Neste cenário, onde o isolamento social se tornou condição necessária para a contenção do coronavírus, o palco abre caminho para a tela, a presença se ressignifica e o espetáculo foi obrigado a se adaptar à nova realidade, agora virtual. Vivemos um período de redefinição das relações humanas e, conseqüentemente, do fazer artístico.

Pensar a cena em contexto pandêmico exige ações urgentes de reinvenção e quebra de padrões, sob o risco de não sobreviver. No decorrer do período de isolamento, novas iniciativas foram sendo criadas. Antes pela sociedade civil (artistas, principalmente), em seguida pelas instituições culturais e, por fim, pelo poder público.

Do ponto de vista da curadoria, começaram a surgir as primeiras investidas virtuais. Festivais e instituições culturais começaram a migrar sua programação para o espaço on-line. O Festival FarOFFa<sup>15</sup>, realizado no mês de agosto de 2020, foi uma das primeiras investidas brasileiras na tentativa de transitar seu modelo

---

<sup>15</sup> Para mais informações, ver o site <https://www.faroffa.com.br/home>. Acesso em: 16 abr. 2021.



de programação para o universo digital. Durante os seus sete dias atividades, foram veiculadas gravações de espetáculos, além de oferecer espaços virtuais voltados para a promoção de debates e trocas entre artistas, curadores e público. O SESC São Paulo desenvolveu o projeto #emcasacomoSesc<sup>16</sup>, que propôs aos artistas a releitura de suas obras para o formato on-line, em apresentações realizadas em tempo real, onde os espectadores poderiam interagir por meio do chat, nos canais da instituição, como *Youtube* e *Instagram*. Outras experimentações foram realizadas, como a versão on-line do Festival Brasil Cena Aberta<sup>17</sup>, que visa à promoção da produção brasileira para curadores internacionais, realizado de 02 a 04 de dezembro de 2020. A MITsp<sup>18</sup> (Mostra Internacional de Teatro de São Paulo) apostou na Plataforma MIT+, um espaço virtual exclusivo que reúne materiais inéditos e disponibiliza, também, parte do acervo da MITsp desde sua primeira edição em 2014. Destacamos também o projeto Viagem Teatral Play<sup>19</sup>, do SESI-SP, lançado em abril de 2021, que redirecionou a circulação de espetáculos presenciais, como mencionado anteriormente, para a plataforma no *Youtube* da instituição.

Assim, foram surgindo novas propostas curatoriais dentro do contexto pandêmico que, na maioria das vezes, foram realizadas em formato experimental, na busca por possíveis adequações da cena para o ambiente virtual, o que exigiu da curadora e do curador um exercício constante de adaptação e de salto ao desconhecido.

Neste momento de ressignificações, a figura da curadora ou do curador também é repensada. Se antes da pandemia esta/este profissional começava a trilhar um percurso um pouco mais definido para as suas práticas, habilidades e saberes, no contexto pandêmico, este trabalho se transformou em alguns aspectos. Artistas ou não-artistas se tornam curadores da sua própria obra, ou

---

<sup>16</sup> Para Mais informações, ver o site <https://www.youtube.com/channel/UCESs365L1Ccnq4q3J5yZ7nQ>. Acesso em: 17 abr. 2021.

<sup>17</sup> Para mais informações, ver o site <https://brasil-cenaaberta.org/>. Acesso em: 16 abr. 2021.

<sup>18</sup> Para mais informações, ver o site: <https://mitmais.org/>. Acesso em: 16 abr. 2021.

<sup>19</sup> Para mais informações, ver o site: [https://www.youtube.com/playlist?list=PLWzEXXXxAxBIULS9-1kcUQ\\_9\\_uKNeav9z](https://www.youtube.com/playlist?list=PLWzEXXXxAxBIULS9-1kcUQ_9_uKNeav9z). Acesso em: 16 abr. 2021.

ainda, grupos de artistas e não-artistas se uniram para criar suas próprias programações, dentro do que consideram relevante ou essencial.

Seja qual for o caminho que iremos seguir nos próximos anos, é importante ressaltar que alguns fundamentos que aqui citamos como sendo inerentes ao trabalho da curadora ou do curador aparentemente permanecem. Continuamos trabalhando no esforço de colocar artistas, obra e público em relação, promovendo espaço de reflexão sobre o mundo, sobre a arte e sobre nós mesmos. A curadora ou o curador, seja esta/este institucionalizado ou ainda as/os artistas que se dispõem a curar suas próprias programações, continua desenvolvendo espaços de relação e experimentação, mesmo que no formato virtual ou distanciado, ela/ele continua ainda sendo promotora ou promotor de espaços de expressão artística. Ainda faz parte do seu trabalho entender seu público, mesmo agora em situação tão peculiar. O contexto mudou, as ferramentas são outras, mas o desejo de estar juntas e juntos, de promover encontros e de trocar experiências permanece vivo, sendo mola propulsora para este novo processo de entendimento das relações que estamos vivendo.

### A curadoria enquanto arte do cuidado

A curadoria é uma profissão com o olhar para o humano, algo que tange o pessoal e o coletivo. Com isso, ela se torna um trabalho de gestão de relações. Gostaríamos, neste momento, de retomar à etimologia da palavra no seu sentido de cura e de cuidar. Dentro do debate chamado KOMBI – Fragmentos de um imaginário tropical, promovido pelo Festival FarOFFa (agosto, 2020), foi proposta uma nova nomenclatura para este trabalho ou esta prática. No primeiro dia de debate, o tema discutido foi: “*Cuidadoria é um caminho para a construção de um mundo possível?*” Esta nova investida etimológica, “cuidadoria” retoma o sentido primário da palavra curadoria, aquela que cuida e que cura. Gabi Gonçalves, uma das idealizadoras do Festival FarOFFa, em sua fala no debate KOMBI – Fragmentos de um imaginário tropical, propôs uma reflexão sobre essa nova palavra: “Cuidadoria” parte de uma política feminista, que tem como centro não o capital

e sim o cuidado.

A “curadoria” sugere, portanto, colocar o humano acima do capital, propõe cultivar a percepção empática e sensível sobre a sociedade, o fazer artístico e a própria existência, sugerindo processos que englobam a diversidade, na sua infinita complexidade, oferecendo espaços livres e receptivos, abertos para a expressão, debate e reflexão. Esta investida etimológica nos faz refletir sobre o papel da curadoria e a nossa prática dentro das artes cênicas na atualidade, ainda mais diante do contexto pandêmico, considerando a necessidade e importância da criação de relações e estratégias de continuidade das ações artísticas.

Nosso trabalho é agregador, é motivado pelo encontro, pelas relações e pelo fortalecimento de vínculos. É coletivo! Pensar em curar é pensar nas relações humanas, o que nos pede uma predisposição afetiva. É preciso cultivar constantemente um posicionamento diverso e inclusivo sobre o mundo e as relações interpessoais em um exercício de empatia e receptividade. Refletir sobre essa expansão do sentido de curadoria nos faz retomar a ideia de cura e cuidado, associando a prática curatorial a um espaço de cultivo; isso tem se revelado de extrema importância diante das adversidades impostas no contexto atual.

Pensemos, então, em nós – curadoras e curadores – como profissionais que analisam o mundo e sua complexidade, colocando nossa percepção a serviço das narrativas atuais, observando poéticas que precisam ser expressas. Somemos a isso a aproximação com a sociedade e a comunidade que habitamos, criando relação com ela e entendendo suas necessidades estéticas, desejos e alcance. Olhamos para as/os artistas como parceiras e parceiros, acercando-nos da sua criação, entendemos o seu modo de produção e contribuimos para a difusão da sua obra. Promovemos encontros, deslocamentos, traduções e quebra de fronteiras.

Somos diplomatas, lidamos com macroinstâncias distintas das nossas, política, econômica e socialmente. Nos conectamos com as microinstâncias: nossas equipes internas, parceiras, parceiros, colaboradoras e colaboradores; sem elas e eles, não conseguimos trabalhar. Misturamos as diferenças e seus

interesses. Tudo isso faz parte do escopo da nossa profissão que, por fim, tem o objetivo de provocar reflexões, promover debates e colocar as diferenças em relação, por meio da experiência artística e estética. Cuidamos para que o direito à expressão frua. Viabilizamos a oxigenação e a circulação de recursos para o nosso setor econômico.

Estamos aprendendo a sobreviver na adversidade, seguindo em frente mesmo quando os desafios são limitadores. Talvez, a perspectiva do trabalho da curadora e do curador mude, a partir da atual situação de pandemia que estamos vivendo. No entanto, acreditamos que independentemente do caminho que vamos trilhar, nossas premissas continuarão as mesmas, promover encontros relevantes, afetivos e transformadores, em qualquer formato, condições e circunstâncias que temos a nossa disposição, pois este é o nosso fundamento e para isso que trabalhamos.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo?* E outros ensaios. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Associação Brasileira das Editoras Universitárias, 2009.

ASSIS, Felipe de. Felipe de Assis. Entrevista concedida a Michele Rolim. In: ROLIM, Michele Bicca. *O que pensam os curadores de Artes Cênicas*. Rio de Janeiro: Ed. Cobogó, p. 115-123, 2017.

ASSIS, Marcelo Felipe Moreira de. *Por uma prática curatorial mediadora e colaborativa em artes cênicas*. 2015. Dissertação (Artes Cênicas) - Escolas de Dança e Teatro - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

BONES, Marcelo. Marcelo Bones. Entrevista concedida a Michele Rolim. In: ROLIM, Michele Bicca. *O que pensam os curadores de Artes Cênicas*. Rio de Janeiro: Ed. Cobogó, p. 47-54, 2017.

BRANDÃO, Tânia. Tânia Brandão. Entrevista concedida a Michele Rolim. In: ROLIM, Michele Bicca. *O que pensam os curadores de Artes Cênicas*. Rio de Janeiro: Ed. Cobogó, p. 95-99, 2017.

DIAS, Marcia. Marcia Dias. Entrevista concedida a Michele Rolim. In: ROLIM, Michele

Bicca. *O que pensam os curadores de Artes Cênicas*. Rio de Janeiro: Ed. Cobogó, p. 39-45, 2017.

GONÇALVES, Marília Gabriela. *Cuidadoria é um caminho para a construção de um mundo possível?* Debate realizado no KOMBI – Fragmentos de um imaginário tropical, promovido pelo Festival FarOFFa, agosto, 2020.

LEONZINI, Nessia. Apresentação. In: OBRIST, H. U. *Uma breve história da curadoria*. Tradução de Ana Resende. São Paulo: Bei Comunicação, p. 9-11, 2010.

MAGALHÃES, João Carlos Couto. João Carlos Couto Magalhães (Janjão). Entrevista concedida a Michele Rolim. In: ROLIM, Michele Bicca. *O que pensam os curadores de Artes Cênicas*. Rio de Janeiro: Ed. Cobogó, p. 31-38, 2017.

MARMO, A. R.; LAMAS, N. C. O curador e a curadoria. *Revista Científica Ciência em Curso*, Palhoça, SC, v. 2, n. 1, p. 11-19, jan./jun. 2013.

MARTINS, Ferdinando; RAMOS, Luiz Fernando. Aproximar-se da população é um dos desafios do teatro no Brasil. Entrevista concedida a Marcello Rollemberg. In: Diálogos na USP. São Paulo, 2020. Disponível em <https://jornal.usp.br/atualidades/aproximar-o-espetaculo-da-populacao-e-um-dos-desafios-do-teatro-no-brasil/>. Acesso em: 17 abr. 2021.

OBRIST, H. U. *Uma breve história da curadoria*. Tradução de Ana Resende. São Paulo: Bei Comunicação, 2010.

ROLIM, Michele Bicca. *O que pensam os curadores de Artes Cênicas*. Rio de Janeiro: Ed. Cobogó, 2017.

Recebido em: 15/01/2021

Aprovado em: 19/04/2021

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC  
Programa de Pós-Graduação em Teatro – PPGT  
Centro de Arte - CEART  
*Urdimento* – Revista de Estudos em Artes Cênicas  
[Urdimento.ceart@udesc.br](mailto:Urdimento.ceart@udesc.br)